O nascimento do Messianismo Judaíta

1. INTRODUÇÃO

No decorrer da história diversos movimentos foram classificados como "messiânicos", ou seja, movimentos que esperavam a mudança na situação de grupos marginalizados pela chegada de um novo tempo. Este novo tempo se daria pela conjunção entre a ação da divindade e a dos adeptos do movimento.

Embora tenham florescido em diversas épocas e culturas, é certo que a maioria surgiu em culturas de origem judaico-cristã. Não é de se estranhar, já que o judaísmo tem um traço messiânico muito forte que foi herdado pelo cristianismo.

Os movimentos messiânicos têm em comum causas e características sociais verificáveis, independentes da época e do contexto histórico[1]. Acreditamos ser possível encontrar evidências dessas causas e características sociais no Judá anterior à monarquia, e a partir disso entender um pouco do seu messianismo.

Queremos procurar a origem social desse messianismo judaíta[2]. Embora o termo hebraico "messias" só apareça muito mais tarde, as esperanças messiânicas remontam à época anterior à monarquia. Não nos aprofundaremos muito em tentar descrever estas esperanças, mas procuraremos descrever mais o ambiente que faz florescer o messianismo judaíta pré-monárquico.

Inicialmente vejamos quem era Judá nesta época.

1. Sigo a análise sociológica dos movimentos messiânico-milenaristas feita por: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no Mundo.* São Paulo, Alfa-Ômega, 2ª Ed. Rev. e Aum., 1976; e MOURÃO, Laís. Contestado: A Gestação Social do Messias. In *Cadernos do Ceru.* São Paulo, (7): 59-98, 1974.

2. Para uma apresentação mais detalhada e completa do assunto remeto à minha Dissertação de Mestrado: *Até que venha Siló. Um estudo do messianismo pré-monárquico a partir de Gênesis 49,8-12.* São Bernardo do Campo, IMS, 1994.

2. QUEM ERA JUDÁ

Nas montanhas palestinenses surgiram dois pólos de vida tribal em oposição ao sistema cananita: Israel e Judá. Quase sempre se assume que Israel e Judá eram uma só realidade social com uma origem comum. A origem dos grupos tribais que posteriormente formaram Israel e Judá não pode ser única, sendo mais certo buscar uma diversidade de origens[3].

Embora similares a Israel em muitos pontos, Judá e Simeão também estavam geograficamente isolados dele por uma faixa de cidades cananitas no período anterior à tomada de Jerusalém por Davi e tiveram vida independente dele até a monarquia davídica[4].

Esta separação, aliada a algumas diferenças de caráter geográfico, contribuiu para que os grupos se desenvolvessem de forma diferente. Judá era o resultado do ajuntamento de grupos étnicos (judaítas, calebitas, simeonitas, levitas, cananitas e outros) e grupos sociais (hapiru, camponeses, pastores e outros) em uma região não muito extensa mas de grandes contrastes no que diz respeito à vegetação, ao solo, clima, altitude e possibilidades econômicas naturais.

Em Judá desenvolveu-se uma forma de vida muito mais campesina do que urbana, economicamente muito mais voltada para a agricultura e pecuária do que para o comércio, como mostra o pequeno número de cidades importantes. Também a religião tendia a ser descentralizada, voltada para o culto campesino, já que em Judá não houve nesta época nenhum templo centralizador do culto.

Dentre as similaridades entre Israel e Judá deve-se considerar a organização social tribal, baseada em laços de parentesco. Este parentesco deve ser entendido mais como alianças[5] entre grupos socialmente similares, que compartilhavam interesses comuns, do que como consangüinidade.

A estrutura social interna: casa-clã-tribo, em que a casa é a base econômico-social-política e religiosa, é bastante conhecida e não precisa ser explicada aqui novamente. Para o estudo do messianismo a característica mais importante dessa organização social é que se tratava de uma sociedade regulada pelas relações de parentesco.

Nessas sociedades, economia, religião, justiça e governo estão inseridos em uma esfera de estrutura familiar e visam basicamente a subsistência do grupo.

Os elos de união da estrutura social são sempre muito fracos nas sociedades reguladas por sistema de parentesco. E mais ainda, Judá não teve em sua história um líder carismático capaz de aglutinar em torno de si as suas diferentes

3. Sobre a diversidade de origens veja: DE VAUX, Roland. *Historia Antigua de Israel. II Asentamiento en Canaán y Periodo de los Jueces.* Madri, Ed. Cristiandad, 1975; SCHWANTES, Milton. *História de Israel (Local e Origens).* São Leopoldo, Faculdade de Teologia da IECLB, 1984.

4. Veja: HERRMANN, Siegfried. *Historia de Israel en la Época del Antiguo Testamento.* Salamanca, Ed. Sígueme, 2ª Ed. Rev. Amp., 1985, p. 96-149.

5. Sabemos dos problemas de se procurar a aliança como tema teológico em época tão remota. Tratamos aqui apenas de aliança enquanto pacto social.

realidades sociais e econômicas, como houve os juízes em Israel. Também não teve um templo centralizador do culto que funcionasse como propagador de uma ideologia unificadora.

Mas os judaítas tiveram a aliança e o javismo como elos de união social. Além disso sofreram a pressão exercida por grupos externos como os filisteus, edomitas e até israelitas. Eles pretendiam expandir-se em direção a Judá, ou apenas usufruir do produto do saque às suas plantações e seus rebanhos. Esses ataques provocaram uma coesão social maior entre os grupos constitutivos de Judá.

Assim, em Judá havia um certo equilíbrio entre as forças que tendiam à integração e à desintegração. Além dessa situação, podem ser verificadas em Judá outras causas que contribuíram para o surgimento de um messianismo.

3. CAUSAS DO MESSIANISMO JUDAÍTA

Na gênese dos movimentos messiânicos estão causas sociais e religiosas, embora um tipo ou outro possa se sobressair em cada caso.

No campo social os movimentos messiânicos foram verificados em situações de dominação entre grupos, classes sociais ou até sociedades inteiras. Nesta situação a ideologia tem a função de elaborar mecanismos simbólicos que reproduzam e legitimem estas relações. As classes dominadoras impõem a sua ideologia e seus valores às classes dominadas. Mas, não podendo resolver completamente as contradições sobre as quais se constroem as estruturas sociais, classificam em categorias negativas as áreas marginais sobre as quais não conseguem impor os seus padrões. Essas áreas marginais não controladas são: "não-humanidade", "não-sociedade", "não-civilização".

Os grupos que produziram movimentos messiânicos conseguiram, ao romper com a legitimação da dominação, reinterpretar os elementos da ideologia dominante a partir de si mesmos e do seu referencial. E assim puderam criar uma auto-imagem positiva.

Muito pouco sabemos a respeito da auto-imagem dos grupos judaítas, mas um caso é particularmente interessante. O termo *hapiru* tinha, para os grupos dominantes das cidades-estado cananitas e do império egípcio, um conceito muito negativo. Os *hapiru* eram uma ameaça à ordem estabelecida que era benéfica para a corte e maléfica para os camponeses. São tratados pelos reis como "insubordinados", "foragidos", "revolucionários", e outros termos pejorativos[6]. Enfim, o nome *hapiru* era carregado de uma imagem negativa pelas classes dominadoras.

Embora seja muito discutível, consideramos correta a identificação entre *hapiru* e o termo "hebreu". E na Bíblia "hebreu" não é um nome pejorativo.

Abraão é chamado de hebreu em um texto em que aparece agindo de forma muito parecida com a atividade dos *hapiru*, Gn 14,1-16. Mas o ponto de vista não

6. Cf. GOTTWALD, Norman K. *As Tribos de Iahweh. Uma Sociologia da Religião de Israel Liberto 1250-1050 aC.* São Paulo, Ed. Paulinas, 1986, p. 411-414.

é o dos reis e nobres cananitas, mas o de um hebreu. E nesse texto Abraão não é um bandido, mas um herói, de características muito parecidas com as dos juízes libertadores como Gedeão, Débora, Sansão e outros.

Também na história do Êxodo, a designação "hebreu", embora em um contexto de servidão, não é pejorativa, visto que Javé é chamado de "Deus dos hebreus".

É justo, portanto, pensar que a imagem de "hebreu" ideologicamente feita pelos dominadores como de um bandido se transformou na auto-imagem positiva de um povo heróico que luta por sua libertação.

E assim sendo, podemos afirmar que temos uma reinterpretação e inversão dos elementos da identidade negativa imposta pela ideologia das classes dominantes a partir das classes dominadas. Aquele que era considerado bandido vira herói. Esta reinterpretação e inversão são causas sociais necessárias para o surgimento de um messianismo.

Já no campo religioso, o tipo de religião exerce um papel fundamental para que se desenvolva um messianismo. Todas as religiões que serviram de base para algum movimento messiânico tinham como objetivo principal a transformação da vida presente através da melhoria das condições de vida. Nelas sempre existe a certeza de que é possível construir um reino de justiça, paz, virtude, etc. neste mundo. Reino este que virá a partir da vinda ou regresso de uma divindade ou seu enviado. Ele virá oferecer ao povo fiel os meios para a sua instalação.

A religião judaíta e israelita desde os seus primórdios acreditava na história como um dos principais lugares, se não o principal, da revelação e atuação de Deus. Para eles, os acontecimentos históricos eram ações e revelações divinas. Deus é poderoso o suficiente para controlar os acontecimentos e o faz com base no seu juízo de bênção ou maldição. A palavra divina atua de duas importantes formas: governando e interpretando a história.

E, embora não exista nesta época uma concepção de algo preestabelecido para toda a história, existe a idéia de um plano divino que a dirige. Existe a concepção de um objetivo histórico para o qual Deus dirige o rumo dos acontecimentos. E o povo de Deus conhece os objetivos divinos na história através da palavra revelada.

Na teologia de Judá e Israel as manifestações de seu Deus se dão tanto em favor do povo como através dele. Assim, o povo é convocado para ser agente de Deus na transformação de sua própria realidade, rejeitando o imobilismo.

Desta forma, a sociedade e a religião de Judá tinham os elementos necessários para o surgimento de um messianismo. Mas conter esses elementos não é uma garantia de que viesse a desenvolvê-lo. O que caracterizava a sociedade judaíta como messiânica?

4. CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DO MESSIANISMO JUDAÍTA

Todas as sociedades ou grupos sociais que deram origem a um movimento messiânico apresentavam algumas características sociais comuns. Estas caracte-

rísticas (que em suma formam o messianismo) precedem ao messias, e não o contrário. O messianismo é que faz o messias e não o messias que faz o messianismo.

A primeira característica dos messianismos, presente no Judá pré-monárquico, é a organização social segundo relações de parentesco. Para o messianismo não importa se este parentesco é real ou fictício, portanto para este ponto não é de fundamental importância se entre as tribos havia consangüinidade ou uma aliança que os tornavam "irmãos". Importa que, como é universalmente aceito, na sociedade judaíta as relações sociais tinham como base um sistema de parentesco.

Outra característica dos messianismos, que é ponto pacífico nas discussões a respeito da história – principalmente da origem – de Israel e Judá, é uma forte ligação entre o sagrado e o profano. Talvez até se possa afirmar que, culturalmente, não havia separação entre o sagrado e o profano em Israel e Judá. Esta compreensão atravessou, pelo menos, todo o período bíblico.

Outra característica ainda é que os movimentos messiânicos são fruto de crises sociais específicas, que determinam inclusive suas características particulares. Judá viveu em sua formação um ajuntamento de grupos de diferentes origens que passaram a viver sob pressão. Esta situação provocou uma crise que se caracteriza como crise de formação da sociedade.

Todo esse processo não aconteceu da noite para o dia. Levou tempo. Como levou tempo, também, até que o messias viesse. E enquanto o messias não vem se espera pela sua vinda. E aí está uma outra característica: o tempo de espera messiânica.

A última e não menos importante característica é a mentalidade messiânica. Esta pode existir sem o movimento messiânico. Mas este não existe sem aquela para orientá-lo. É a mentalidade messiânica que confere ao movimento as suas particularidades. Ela pode ser traduzida nas esperanças messiânicas.

5. AS ESPERANÇAS MESSIÂNICAS JUDAÍTAS

Gn 49,8-12 é um texto cuja origem remonta aos grupos formativos de Judá e cujas esperanças messiânicas ali expressas tornaram-se um ideal para toda a tribo. Passaram a ser como que um ideal coletivo. Em que consistiam tais esperanças?

Em primeiro lugar, os estados vizinhos estavam se organizando em monarquias, o que lhes conferia uma organização militar mais poderosa. E ainda os filisteus possuíam armas de ferro, o que aumentava a sua ameaça. Diante do crescimento do poderio militar dos vizinhos e de seu desejo de dominar Judá, e conseqüentemente dos ataques e danos que sofria, é natural que a primeira esperança expressa seja a de vitória nas batalhas contra os inimigos.

A ascensão de pequenas monarquias na Palestina como Edom, Moab, Amon, e até Israel e Judá foi possível porque naquele período as duas potências imperiais – Egito e Babilônia – que alternadamente costumavam dominar a região estavam em declínio. Este declínio permitiu também que os pequenos estados sonhassem

em ocupar o lugar delas no cenário político da Palestina. Permitiu também que Judá sonhasse ser o leão que dominava a região e os vizinhos.

Para que isso tudo fosse possível aguardavam a vinda de um governante especial. Tão especial que, para designá-lo, usaram uma palavra de difícil determinação do seu significado.

6. SILÓ[7]

Há uma longa discussão a respeito do significado da palavra Siló, do hebraico. Não entraremos aqui nos seus detalhes. Basta apenas saber que a discussão não é nova. Já nos tempos dos copistas o significado desta palavra causava problemas, o que podemos perceber por um número muito grande de variantes tanto nos manuscritos hebraicos como até na tradução grega. Até hoje são feitas tentativas de corrigir o texto hebraico ou interpretar o sentido desta palavra a partir de alguma raiz hebraica conhecida. Podemos perceber isso nas diversas traduções da Bíblia em Português.

Porém estas propostas de tradução esbarram em questões gramaticais ou literárias do hebraico. Aliás, percebemos que, pelo contexto, trata-se de uma pessoa, um governante, e não de um objeto como sugerem algumas versões. Há indícios muito fortes do uso desta palavra como um estrangeirismo acádico numa época e região próximas a Judá pré-monárquico, que designaria uma função de liderança.

Este personagem, um líder carismático e guerreiro à semelhança dos juízes de Israel, estabeleceria um governo de paz e prosperidade para todo o povo judaíta e dominaria sobre os outros povos. Seu governo não seria como o dos reis dos países vizinhos, mas teria as características de um líder tribal, como indicam os símbolos de poder tribal em suas mãos: o cetro e o bastão de comando.

E os judaítas tiveram o seu messias. No início de sua história como estado levantou-se em Judá um rei que, se provavelmente não correspondeu à totalidade das esperanças messiânicas judaítas, esteve bem próximo disso.

7. O MESSIAS

A história de Davi e a tradição que se formou em torno dele apontam para uma figura carismática que vem corresponder às esperanças do povo judaíta. O seu caráter messiânico apresenta-se mais claramente na sua ascensão e início de seu governo, mas estende-se por toda a sua vida e até, ou principalmente, depois de sua morte.

A grande capacidade guerreira do belemita e as importantes vitórias que conquistou, desde os tempos de Saul, serviram para legitimar Davi como um eleito de Javé para conduzir o povo às vitórias esperadas. A sua história pessoal[8] de

7. Como grafa Almeida.

8. Não cabe aqui diferenciar o que é história e o que é tradição, pois isto é irrelevante na caracterização da figura do messias como tal.

origem lendária, provação, retiro e volta gloriosa corresponde às histórias pessoais dos messias de outros movimentos.

Davi é, como os outros messias, uma espécie de catalisador das esperanças populares que existiam antes dele. Davi expressou e correspondeu às esperanças judaítas de vitória nas batalhas contra os inimigos, de formação de um domínio imperial e de abundância na produção agropastoril. Davi não foi nem mesmo um monarca nos moldes dos outros povos. Seu governo teve marcas muito fortes, principalmente em seu início, por estar baseado em uma liderança carismática do tipo dos juízes.

Finalmente Davi, recuperando e atualizando elementos do culto, incorporando outros e/ou dando-lhes novos significados, reordenou em torno de si o universo simbólico-religioso dos judaítas.

8. CONCLUSÃO

A esperança messiânica não morre com a morte do messias ou com a frustração do movimento. A esperança permanece latente até que novos fatores a despertem, promovendo outros surtos messiânicos.

Assim também o messianismo davidita não se encerrou com a morte do rei belemita. Permaneceu no ideal político-religioso coletivo judaíta. Renovou-se e com o tempo desempenhou novas funções e até incorporou novos conceitos.

A tradição messiânica se desenvolve por todo o Antigo Testamento e alcança até o Novo, em que Jesus de Nazaré nela se insere.

Marcos Paulo Bailão
Rua Cel. Francisco Amaro 94
09020-250 Santo André, SP